



**Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**  
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Vol XXV, número 2, jul-dez, 2020, pág. 164-187.

## **A VISÃO DE FELICIDADE PARA ESTUDANTES DE PSICOLOGIA DE UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA**

Lucas de Araújo Batista

Ewerton Helder Bentes de Castro

### **Resumo**

O que é a felicidade e qual o significado dela para os indivíduos? Desde a antiguidade filósofos como Aristóteles, Epicuro e Schopenhauer tentaram descrever o que seria a felicidade. Aristóteles dizia que o homem feliz era aquele que cultivava as suas virtudes, já Epicuro dizia que o homem feliz era aquele que vive para maximizar os prazeres e diminuir o desprazer. Schopenhauer já por outro lado define felicidade como a satisfação de todo o querer. Estaria a felicidade hoje, no mundo contemporâneo associada ao consumo desenfreado de bens materiais? Seria esta felicidade (associado ao consumo) apenas uma ilusão? Quando estaríamos plenamente satisfeitos então. Enfim, mas o que a fenomenologia tem a nos dizer sobre isso? Para a fenomenologia a felicidade é muito mais uma questão filosófica do que qualquer outra conotação que lhe pode ser dada. Segundo o que consta na literatura, a felicidade é entendida como uma possibilidade que se contrapõe ao “vir-a-ser”, condição inerente à existência humana. O homem, na medida em que é um contínuo “vir a ser”, um sempre “poder ser” e com a possibilidade de um “ainda-não”, tem na felicidade um de seus anseios idealizados, não à luz da razão que determina outras possibilidades da existência, mas no circunstancial de uma emoção que o faz buscar a felicidade sem saber a forma e os determinantes. O objetivo desta pesquisa foi compreender a concepção de felicidade com alunos do Curso de Psicologia da UFAM à luz da Psicologia Fenomenológico-Existencial – os significados nos discursos, para isto foi utilizado o viés qualitativo em pesquisa e realizada através do método fenomenológico de pesquisa em Psicologia, a partir de entrevista áudio gravada que parte de uma questão norteadora e a análise amparada nos pressupostos da Fenomenologia Existencial. Foram participantes 8 discentes de Psicologia. Foram elaboradas 5 categorias temáticas, a saber: Pode-se depreender felicidade como um fenômeno subjetivo e parte da condição humana associada a diversos fatores, tais como, liberdade, o sentir-se bem, o momento presente e o outro. Todas essas categorias dizem respeito ao sentido dado pelos participantes que baseiam seus discursos de acordo com suas vivências e perspectivas singulares enquanto seres no mundo.

**Palavras-chave:** Felicidade; desejo; fenomenologia; vivência.



**Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**  
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

What is happiness and what does it mean for individuals? Since ancient times, philosophers like Aristotle, Epicurus and Schopenhauer have tried to describe what happiness would be. Aristotle said that the happy man was the one who cultivated his virtues, while Epicurus said that the happy man was the one who lives to maximize pleasures and decrease displeasure. Schopenhauer already defines happiness as the satisfaction of all wanting. Is happiness today, in the contemporary world associated with the unrestrained consumption of material goods? Was this happiness (associated with consumption) just an illusion? When we would be fully satisfied then. Anyway, but what does phenomenology have to say about it? For phenomenology, happiness is much more a philosophical question than any other connotation that can be given. According to what appears in the literature, happiness is understood as a possibility that is opposed to "becoming", a condition inherent to human existence. Man, insofar as he is a continuous "becoming", always "being able" and with the possibility of "not yet", has in happiness one of his idealized desires, not in the light of the reason that determines another possibility of existence, but in the circumstance of an emotion that makes you seek happiness without knowing the form and the determinants. The objective of this research was to understand the conception of happiness with students of the Psychology Course at UFAM in the light of Phenomenological-Existential Psychology - the meanings in the speeches, for this the qualitative bias in research was used and carried out through the phenomenological research method in Psychology, based on a recorded audio interview that starts from a guiding question and the analysis supported by the assumptions of Existential Phenomenology. Eight psychology students participated. Five thematic categories were elaborated, namely: Happiness can be understood as a subjective phenomenon and part of the human condition associated with several factors, such as freedom, feeling good, the present moment and the other. All of these categories concern the meaning given by the participants who base their speeches according to their unique experiences and perspectives as beings in the world.

**Keywords:** Happiness; wish; phenomenology; experience.

## **Introdução**

O presente trabalho pretendeu abordar a temática da felicidade na perspectiva da fenomenologia com universitários do Curso de psicologia da Universidade Federal do Amazonas (Ufam). Desde a antiguidade filósofos como Aristóteles e Epicuro tentaram descrever o que seria a felicidade.



## **Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Aristóteles dizia que um homem feliz era aquele que cultivava as suas virtudes, tratando a felicidade como sendo uma “sorte” de especulação e de ação que se relacionava ao coletivo, além dela também ser de responsabilidade do Estado. Epicuro por outro lado tem visão mais hedonista do ser, concebendo a felicidade como satisfação moderada de prazeres e a busca na diminuição da dor, uma vez que, para ele todas as ações humanas devem ser vistas em vista de um bem último, qual seja o prazer (ACSERALD & LOPES, 2016).

Schopenhauer (MARCONI, 2011) filósofo e autor de obras como “O mundo como vontade e representação” define a felicidade como a satisfação sucessiva de todo o querer, mas alegando de que existiria um erro inato ao ser quanto a essa característica contínua do desejo, o que seria acreditar que os humanos existiriam para serem felizes, o que é um engano, pois , embora busquemos a felicidade através da satisfação de nossos desejos, teríamos como objetivo principal, segundo o filósofo, a infelicidade, pois esta, segundo ele pode nos conduzir à bem aventurada auto supressão da Vontade de viver, pois o mundo é cheio de contradições.

A cada passo, nas grandes ou nas pequenas coisas, somos obrigados a experimentar que o mundo e a vida estão completamente arranjados de modo a não conterem a existência feliz, sendo neste sentido mais correto colocar o objetivo da vida em nossas dores do que nos prazeres. A dor e a aflição trabalham em direção ao verdadeiro objetivo da vida, supressão da vontade. Ou seja, o que Schopenhauer defende é uma visão dualista dos atos fundamentais da essência do ser humano, a Vontade. Em outras palavras, ele diz que a vida humana possui o caráter “estranho e ambíguo” de ter em seu âmago dois propósitos fundamentais diametralmente opostos: o que busca cegamente a felicidade e o que ensina de modo fatídico e mortificador que ela inexistente.

O filósofo Luiz Felipe Pondé (2016), conta que a maior acessibilidade aos bens nestes últimos anos permitiu que indivíduos pudessem satisfazer certos desejos que antes eram restritos apenas a uma elite social. Assim, a felicidade seria ‘fazer aquilo o que eu quero’. Porém, o ser humano como



## Revista **AMAZônica**, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

animal que está em constante interação com o meio experimenta também momentos de infelicidade e tristeza, visto que nem sempre podemos fazer tudo aquilo que queremos, pois há certos obstáculos e limitações humanas que nos impedem de saciarmos um determinado desejo. Em seu pensamento, o homem é por natureza uma criatura ressentida, pois não consegue lidar com o fato de que o universo é indiferente a ele, o mundo como tal é repleto de incertezas e inseguranças das quais o seres humanos tendem a negar e nesse processo criam mecanismos para aliviar o sentimento de angústia sobre a imprevisibilidade e ‘crueldade’ da natureza. Em seu livro, ‘A era do ressentimento’, ele fala sobre uma espécie de narcisismo da sociedade moderna, afirmando que:

o amor do narcísico ressentido vem sempre acompanhado de uma contabilidade de afetos. Ele necessita ter diversas pessoas das quais pode tirar prazer e satisfação quando bem desejar, mas nenhuma consegue suprir todas as suas exigências. Ou seja, ama por utilidade, não por amor (PONDÉ, 2014)

Essa é uma característica visível no homem da pós modernidade, visto que é um período marcado por mudanças nas ciências, nas artes e principalmente pela tecnologia (ACSELRAD & LOPES, 2016). O avanço da tecnologia ocasionado pelo investimento de capital ao longo das décadas possibilitou (em certo sentido) o surgimento de sociedades cada vez mais modernas e complexas (do ponto de vista industrial e tecnológico), sabe-se que desde o século XVIII o desenvolvimento econômico de países como a Inglaterra e Estados Unidos, por exemplo, aumentaram em níveis jamais vistos o padrão médio de vida das pessoas, o que permitiu por parte dessas pessoas maior acesso a bens de consumo que no passado era luxo apenas de classes sociais e econômicas mais abastada (MISES, 1979).

O aumento na densidade demográfica e de melhores condições de emprego em país desenvolvidos, bem como o maior acesso a bens de consumo e de luxo por classes sociais mais modestas que agora (graças ao livre mercado) tem a possibilidade e a liberdade de iniciar o seu negócio e nisso alcançar níveis de riquezas cada vez maiores, talvez tenham produzido ao longo dos



## **Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

séculos sociedades marcadas por um consumismo exacerbado. Segundo Baudrillard (2009), tudo isso ocorre porque as relações de consumo não se dão mais pela utilidade do objeto em si e, sim ao conjunto dos objetos e a significação dessa totalidade. Enquanto a modernidade se apoiou em ideias de liberdade, Bauman (1998) coloca que na pós-modernidade a liberdade deu lugar a segurança. Dessa forma, os “mal-estares” existentes na atualidade advém da ordem que em nome da segurança sacrifica a liberdade individual de buscar o prazer, em outras palavras, o que marca este tipo de fenômeno social é a importância dada a estética, onde o consumo personalizado proporciona prazer e felicidade pelo bem-estar momentâneo.

O que o homem contemporâneo entende como felicidade? E como ele se percebe nesta busca pela felicidade? Estaria a felicidade associada apenas a coisas como dinheiro, lazer, conforto e consumo de bens materiais? E as relações afetivas e interpessoais? É aí que entra a fenomenologia com seu pensamento singular e filosófico que se caracteriza pelo seu foco na experiência subjetiva do ser. A fenomenologia irá surgir com o Matemático e filósofo Edmund Husserl (final do século XIX), Husserl percebeu que apesar de todo o sucesso da ciência positivista ao longo dos anos, como a invenção das máquinas de alta tecnologia que facilitavam a vida do homem moderno, a mesma de certa forma deixava ainda a desejar porque não trazia por si mesma uma resposta que satisfizesse a toda necessidade do saber humano. A ciência ficava limitada aquilo que era permitido por seu método, ou seja, ao âmbito empírico, do observável e medido (CASTRO, 2017; PEREIRA & CASTRO, 2019)

Husserl dizia que a ciência fazia muitas afirmações sobre a realidade sem saber de fato o que é esta realidade. Segundo ele, faltava um sentido para tudo que se estava fazendo. “Qual o sentido de todo este progresso científico para o homem?” Era essa a crítica que o filósofo e matemático tinha sobre a falta de reflexão em relação a experiência humana. E foi a partir destes questionamentos que Husserl pensou numa ciência fenomenológica que



## **Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

pudesse dar respostas a tais questões. Uma ciência que possibilitasse uma forma de pensamento efetivo que transcendesse o relativismo como conhecemos.

Um dos conceitos que caracterizam a fenomenologia de Husserl é o de atitude natural, onde o indivíduo quando diante de um fenômeno (ou situação problema), não considera a experiência em si mesma e passa a considerá-la a partir de ideias e estereótipos pré estabelecidos. Isso pode ser ilustrado na seguinte situação, digamos que um indivíduo esteja voltando para a casa após um cansativo dia de trabalho e logo ao virar a esquina ele visualiza um homem correndo com uma bolsa de couro e, logo atrás deste rapaz, há um senhora gritando em sua direção, logo, este sujeito (que viu a cena) presumirá com base em um juízo de valor de que acabou de testemunhar um assalto. Se por acaso ele toma como conclusivo a ideia de que está diante de um assalto e responde a este fato correndo em direção ao sujeito, no sentido de que querer pará-lo, estarei exercendo aquilo que Husserl chama de atitude natural. E é essa espontaneidade da qual devemos superar, para atingirmos aquilo que Husserl chama de atitude fenomenológica, que consiste em nos despirmos de pré-conceitos para considerar a experiência pessoal sem se transporta de forma espontânea para a realidade. A essa realidade que se apresenta como tal(em si mesma) Husserl chamará de fenômeno, daí a expressão de Husserl de “voltar às coisas mesmas”, ou seja, uma volta ao que aparece na experiência quando adotamos uma atitude fenomenológica (PEREIRA & CASTRO, 2019).

Um retorno às coisas mesmas na linha da atitude natural seria o equivalente à introspecção, ou seja, um olhar para dentro de si procurando o que existe “na” consciência. A intencionalidade, conceito também desenvolvido por Husserl, diz que toda consciência enquanto ato é sempre “de algo”. Não existe consciência pura sem intencionalidade nenhuma, assim como não existe conhecimento puro sem intencionalidade nenhuma. Enfim, Husserl é o pai da fenomenologia existencial que conseguiu ao longo de suas reflexões propor um esclarecimento quanto ao caminho fenomenológico para o



## Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

pensamento humano (CASTRO, 2017). Com o tempo, no interior do movimento fenomenológico, vários outros aspectos ou setores da experiência humana foram sendo abordados. Heidegger (2013), por sua vez, voltou-se para o esclarecimento do ser e da existência:

a investigação fenomenológica em Heidegger é de caráter ontológico, isto é, busca as determinações essenciais do ser dos entes. Dessa maneira, pretende sempre situar-se aquém do plano empírico ou ôntico (dos entes) e constituir-se na condição de possibilidade do mesmo. O ser no mundo pode ser visivelmente desmembrado em três partes, que são seus momentos constitutivos: o "ser", o "mundo" e o "em". Dito de outro modo e em outra ordem: o mundo em que o ser é, o quem que é no mundo, e o modo de *ser-em* em si mesmo (p. 76)

Merleau-Ponty, filósofo, psicólogo e existencialista teve como foco os estudos na introdução do homem, na realidade da existência, na história e na significação dos fenômenos. Entre suas principais características sobre o seu pensamento existencialista podemos destacar duas, a primeira é a de que o homem é um grande projeto a ser construído, o que só se torna possível a partir de sua experiência com o mundo. Em segundo lugar, não existe essência, o homem é aquilo que se idealiza. Ressalta, ainda, que através de um exame detalhista a estrutura do mundo é resumida na 'logos' transformando assim o processo fenomenológico em uma modalidade existencial. Enfim, a filosofia permite um novo aprendizado do olhar sobre o universo que o envolve, o homem está no mundo que significa que ele não é continuação do próprio mundo, mas sim pertencente a ele (MERLEAU-PONTY, 2011)

A pesquisa mais longa já realizada sobre a felicidade é baseada em um estudo de desenvolvimento adulto, realizado em Harvard. O estudo começou a ser feito em 1938 e contou com a participação de mais de 700 participantes durante 8 décadas (77 anos). Robert Waldinger (2016), atual diretor que coordena a pesquisa diz que o que torna as pessoas mais felizes é a qualidade dos relacionamentos, sejam estes relacionamentos entre casais, amigos, parentes etc. Inicialmente a pesquisa foi realizada com 700 jovens, mas que posteriormente foram adicionados (no levantamento) mil participantes homens e mulheres, filhos dos primeiros participantes (BBC BRASIL, 2016)



## **Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Durante a pesquisa os pesquisadores acompanhavam o estado físico, emocional e mental dos voluntários. Visto que ao longo do estudo os pesquisadores tiveram acesso aos registros médicos dos participantes de forma a poder avaliar a saúde dos mesmos, não só pelo o que diziam, mas também pelos exames médicos. Um dado interessante levantado é que não se é possível ser feliz o tempo todo. Pessoas mais satisfeitas e que estão mais conectadas ao outro possuem um corpo e cérebro mais saudáveis, afirma Waldinger (2016). O pesquisador ressalta que uma relação de qualidade é aquela em que você se sente seguro, em que você pode ser você mesmo. É claro que nenhum relacionamento é perfeito, mas essas são qualidades que fazem com que a pessoa floresça.

O estudo também concluiu que dinheiro não é sinônimo de felicidade, mas ele é importante na medida em que ele atende as necessidades de uma pessoa. O maior aumento na renda pode não significar aumento na felicidade. Segundo Martin Seligman (BARBOSA, HERMANO & ZILBERMAN, 2007) um dos pioneiros da psicologia positiva, mais importante que o dinheiro - (quando se trata da busca da felicidade) -, são as atitudes das pessoas que realmente importam, ou seja, o que faz uma pessoa mais feliz é a maneira como ela consegue enfrentar melhor os desafios e as adversidades da vida.

Os estudos tiveram como base a psicologia positiva, que surge em resposta a psicologia clássica, ou seja, a psicologia que priorizava o patológico mas que deixava de lado aspectos emocionais construtivistas como o bem-estar psicológico, a satisfação com a vida, a paz, o prazer, ignorando os benefícios que eles proporcionam aos indivíduos (SELIGMAN, 2004). Segundo o teórico, em seu livro felicidade autêntica, o bem estar subjetivo pode ser mensurado a partir de 5 fatores: emoção positiva, engajamento, sentido, relacionamentos positivos e realização. Desse modo, conceitua que o objetivo da Psicologia Positiva é aumentar o florescimento pelo aumento da emoção positiva, do engajamento, do sentido, dos relacionamentos positivos e da realização (SCORSOLINI-COMIN, 2012)





## Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Cloninger (2004), definem a felicidade como sendo:

A expressão que traduz a compreensão coerente e lúcida do mundo, ou seja: a felicidade autêntica requer uma maneira coerente de viver. Isso inclui todos os processos humanos que regulam os aspectos sexuais, materiais emocionais, intelectuais e espirituais ().

Para Scorsolini-Comin & Santos (2010) entendem a felicidade como a predominância da frequência da ocorrência de experiências emocionais positivas sobre as negativas. Enfim, essas são uma das definições encontradas na literatura.

Estudo de Pressman & Cohen (2005) sobre a felicidade envolvendo aspectos sociodemográficos e culturais aponta que nações mais ricas costumam reportar índices mais elevados de felicidade em comparação a nações mais pobres. Isto é, de modo geral, indivíduos que vivem nas regiões mais ricas do globo (América do norte, Austrália, Europa Ocidental e Japão) reportam escores de felicidades mais altos do que aqueles que vivem em regiões mais pobres (África e Ásia). Os autores revisaram publicações que analisam a relação entre saúde e afetos e os mesmos alegam que, há evidências sugerindo menor mortalidade em populações com altos índices positivos mensurados como traço. Entretanto, também afirmam que índices excessivamente elevados de afetos positivos podem estar associados a um aumento de morbidade e mortalidade. Isso poderia ser explicado por uma tendência a subestimar riscos, diminuindo os cuidados dispensados à saúde (FERRAZ, TAVAREZ & ZILBERMAN, 2007)

Já em relação ao estado civil, as pesquisas indicam que o casamento possui pouca influência na felicidade e que a presença de filhos também possui um efeito nulo ou fracamente negativo nos níveis de bem-estar. Entretanto, segundo os pesquisadores (FERRAZ, TAVARES, ZILBERMAN, 2007), o comprometimento com a fé estaria associado (moderadamente) a maiores índices de felicidade, seja por meio da religiosidade, seja por meio da espiritualidade. Enquanto a religiosidade pressupõe um sistema organizado de



## **Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

crenças e de práticas ritualísticas, a espiritualidade consiste numa busca pelo significado da vida e pelo estabelecimento de uma relação com o sagrado e o transcendental, sem necessariamente passar pelo desenvolvimento de práticas religiosas ou da participação numa comunidade. A pesquisa atesta que pessoas que se descrevem como religiosas ou espiritualistas tendem a reportar maiores índices de felicidade e satisfação com a vida. Além disso, tais indivíduos parecem lidar melhor com eventos adversos que ocorram no curso de suas vidas como desemprego, doenças ou luto.

Enfim, no geral, a literatura afirma que os índices de felicidade costumam ser relativamente estáveis ao longo do tempo na vida de cada indivíduo, dependendo menos de eventos externos do que se imagina. Mesmo eventos dramáticos ou extraordinários – como uma lesão medular causando tetraplegia, ou ganhar um prêmio de loteria- não influem tanto nos níveis de felicidade reportados a longo prazo (FERRAZ, TAVARES & ZILBERMAN, 2007).

Para a fenomenologia, a felicidade é muito mais uma questão filosófica do que qualquer outra conotação que lhe pode ser dada. Segundo Angerami-Camon (2007), a felicidade é entendida como uma possibilidade que se contrapõe ao “vir-a-ser”, condição inerente à existência humana. O homem, na medida em que é um contínuo “vir a ser”, um sempre “poder ser” e com a possibilidade de um “ainda-não”, tem na felicidade um de seus anseios idealizados, não à luz da razão que determina outras possibilidades da existência, mas no circunstancial de uma emoção que o faz buscar a felicidade sem saber a forma e os determinantes. Em outras palavras, a felicidade é um fenômeno essencialmente dinâmico, no sentido de que a felicidade enquanto fenômeno e parte fundamental da condição humana não pode ser concebida como algo estático/imutável. A felicidade pressupõe, portanto, a constante transformação do ser.



## **Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Por fim, o objetivo desta pesquisa será compreender a concepção de felicidade com alunos do Curso de Psicologia da UFAM à luz da Psicologia Fenomenológico-Existencial – os significados nos discursos.

### **Material e Método**

O delineamento da pesquisa foi de caráter descritivo exploratório. A escolha da abordagem qualitativa deveu-se à potencialidade de entendimento de valores subjetivos acerca do tema central da pesquisa. Neste método o pesquisador pode buscar compreender e analisar as opiniões dos entrevistados, não se preocupando no processo em ter seus resultados generalizados para toda uma população. A abordagem qualitativa preza pela compreensão como princípio de conhecimento, que prefere estudar relações complexas ao invés de explicá-las por meio do isolamento de variáveis, como no caso da pesquisa quantitativa (PEREIRA & CASTRO, 2019; GHUNTER, 2006).

Em outras palavras, os estudos do tipo qualitativo têm como preocupação fundamental o estudo e análise do mundo empírico em seu ambiente natural. Nesse tipo de pesquisa (ou abordagem) valoriza-se o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo estudada. Nesta pesquisa foi utilizado o método fenomenológico de pesquisa em Psicologia.

Segundo Giorgi e Sousa (2010) o método fenomenológico de pesquisa em psicologia:

tem como prioridade fundamental a intencionalidade da consciência. Permite ao próprio investigador iniciar as diferentes reduções (eidética, fenomenológica, transcendental), procura alcançar a essência de um determinado fenômeno de estudo, descrevendo-o, minuciosamente, com o objetivo de obter conhecimentos apodícticos. O método fenomenológico de investigação em psicologia segue o conceito epistemológico da consciência intencional. No método aplicado à psicologia, o investigador inicia o seu estudo, obtendo descrições de experiências de outros sujeitos. Num segundo momento, desenvolve-se a redução fenomenológica-psicológica e, simultaneamente e, adota uma perspectiva psicológica sobre o tema de estudo. Finalmente, num terceiro momento, o investigador



## Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

procura estabelecer a essência do objeto de estudo através da variação livre imaginativa, na qual a análise eidética é enquadrada pela perspectiva psicológica do investigador, que define sínteses de significados psicológicos sobre o tema, não uma essência que reclame uma validade apodítica ( p.74)”

Assim, para a análise foram seguidos os passos preconizados para o método fenomenológico-psicológico de Giorgi que pressupõe:

- 1 Estabelecer o sentido geral
- 2 Determinação das Partes: Divisão das unidades de significado.
- 3 Transformação das Unidades de significado em expressões de caráter Psicológico
- 4 Determinação da estrutura geral de significados psicológicos

**Estabelecer o sentido do todo:** Tem como objetivo único apreender o sentido do protocolo. O investigador nesta etapa terá como foco uma leitura concentrada e tranquila da transcrição da entrevista.

**Determinação das Partes: Divisão das unidades de significado:** Nesta etapa o investigador volta com a leitura do protocolo, mas com um segundo objetivo: dividi-lo em partes mais pequenas, das quais são denominadas unidades de sentidos e que tem como propósito permitir uma análise mais profunda dos dados.

**Transformação das Unidades de significado em expressões de caráter psicológico:** Após ter lido com calma o protocolo, apreendido o significado, o sentido geral das descrições e dividi-las em partes para maior aprofundamento na análise, na fase 3 do método fenomenológico a linguagem cotidiana da atitude natural dos sujeitos é transformada. Com a aplicação da redução fenomenológica-psicológica e da análise eidética a linguagem do senso comum é então transformada em expressões que tem como intuito clarificar e explicitar o significado das descrições dadas pelos sujeitos.

**Determinação da estrutura geral de significados psicológicos:** Nesta última etapa o investigador transformará todas as unidades de significado obtidas das etapas anteriores numa estrutura descritiva geral. A estrutura geral por sua vez



## Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

engloba os sentidos mais invariantes que pertencem às unidades de significado transformadas em linguagem psicológica.

Para este estudo foram participantes 8 (oito) alunos do Curso de Psicologia da Faculdade de Psicologia da Universidade Federal do Amazonas, de diferentes períodos. A proposta foi apresentada aos discentes e aqueles que concordaram em participar voluntariamente foi marcado o dia da entrevista áudio gravada que ocorreu nas dependências da UFAM, de modo a que não tivessem quaisquer prejuízos financeiros relativo a deslocamentos.

A entrevista áudio-gravada para obter os sentidos e significados dos discursos dos participantes da pesquisa sobre o tema abordado – partiu de uma questão norteadora ou disparadora: *“Gostaria que você me dissesse o que você entende por felicidade e qual o sentido que a mesma tem para você”*.

A entrevista sob o olhar da fenomenologia procura perceber o sentido do comportamento, efetuando a leitura da verdade, que culmina em ter uma visão de unidade e totalidade, visão de ultrapassagem do pensamento objetivo situando o comportamento para além de conteúdos particulares motores e visuais, é a “mostração de sua totalidade e não de seus fragmentos” (CASTRO, 2009).

Ainda segundo este autor, através da entrevista fenomenológica,

“há que se chegar à compreensão do problema fundamental do cliente, projetando sua vida para um mundo que não é soma de gestos e sons e multiplicação de palavras, mas engajamento contínuo e ininterrupto às solicitações e exigências da vida cotidiana pelo gesto lingüístico, uma necessidade permanente de instituição do espaço humano e social, um estar presente no mundo, nas coisas, no outro, na vida familiar e de trabalho, em todas as tarefas necessárias a uma história vivida, em todos os movimentos e gestos necessários à instituição do espaço.”  
(CASTRO, 2009, p.75)

### Resultados e Discussão

A partir deste momento, serão apresentadas as categorias temáticas oriundas da convergência e/ou divergência das Unidades de Significado e da Variação Eidética imaginativa preconizada por Giorgi & Souza (2010).



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

**Categoria 1: A felicidade está relacionada ao outro: afetos vivenciados**

Os discursos dos participantes dão a entender que a felicidade é um produto da experiência de afetos que ocorrem no momento da relação, o “estar feliz” pressupõe, assim, se permitir ser afetado pelo o outro.

Sentir-se acolhido pelo outro

Ah sim, experiências, eu penso por exemplo, na acolhida que eu tive, foi algo que não foi só material pra mim, teve as atividades, aquilo demandou um custo mas, a experiência pra mim representou um momento de muita felicidade, uma felicidade emocional. Porque quando eu sai do ensino médio eu entrei no curso que eu não tinha uma noção, eu tava, fiz uma escolha mas eu não estava seguro disso, e ai eu tive aquela experiência da acolhida, os meus veteranos tiveram tanto trabalho em fazer algo, se entregaram de um modo, se apresentaram pra mim de uma maneira, eles superaram as minhas expectativas, isso representou uma felicidade imensa pra mim. - (Apolo)

A noção de ser no mundo foi desenvolvida sistematicamente pelo filósofo Martin Heidegger em *Ser e Tempo* (2013). Mas o que é o ser? O ser é sempre um ser de um ente, resta contudo, explicitar o que queremos dizer com a palavra ser, compreender o fundamento e a possibilidade do ser de alguma coisa. Para este autor, o homem já possui em sua vida cotidiana, um certo grau de conhecimento do ser, caso contrário a questão sequer poderia ser colocada. Por isso, para se alcançar uma compreensão do ser é preciso, primeiramente, analisar o ser do ente que coloca a questão do ser, isto é, o ser do homem, o *dasein* (CASTRO, 2009; 2017; PEREIRA & CASTRO, 2019; MAIA & CASTRO, 2020)

A fala de Apolo se exprime fenomenicamente quando este associa a sua felicidade ao fato de se sentir acolhido pelo o outro, pelo modo como este outro se expôs ao participante. A experiência da relação com este outro no sentido fenomenológico pode ser entendida através de três conceitos dos quais



## Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Heidegger chamará de *pre-sença* (homem), ser-com e disposição. A *pre-sença* que aqui significa homem e abertura para as variadas possibilidades de ser no mundo é a chave para compreender o discurso do participante, visto que, neste caso, nos referimos a ocupação (uma ocupação não instrumentalizada) da *pre-sença* (Apolo) ao entrar em contato com este outro ao permitir-se (no sentido fenomênico) ser afetado por este outro (que por sua vez também é uma *pre-sença* que se relaciona com outros entes, e *o ser-com* é exatamente isso, esse modo de ser existente numa relação onde a *pre-sença* se relaciona com outros entes que também são dotados de um modo de ser da *pre-sença*. (CASTRO, 2017; FORGHIERI, 2011) Mas para essa abertura acontecer é necessária uma disposição do ente para que a abertura ao mundo possa se tornar real, a disposição, que é o modo de *ser-em* com que nos sentimos, no encontramos, enfim, com que nos dispomos no mundo (HEIDEGGER, 2013).

A felicidade, portanto, é o resultado desta abertura de onde serão emergidas e desenvolvidas aquilo que será representada pela presença como afeto ou emoção, no caso do participante, temos aquilo entendido como felicidade.

### Felicidade em estar com o outro

[...] é ano passado, quando [...] final do ano passado quando eu, tem as confraternizações né, da empresa do trabalho, dos amigos enfim.. eu fui pra uma confraternização com os meus amigos do estágio e as minhas chefes, a gente foi pra outro lugar que não era o lugar do estágio..e foi, e eu me senti assim, não sei se você entende, eu senti uma conexão muito forte, nós somos 9 e eu percebi que esse setor [...] é um setor muito conectado, assim, tanto é.. de parceria no trabalho quanto na infância em meio que guiar [...] eu penso assim, então, aquele momento com eles compartilhando boas experiências e ruins também, e demonstrando afeto, amor, empatia e carinho, que, aquele momento ali me trouxe muita felicidade também, estar com esse grupo específico me traz muita felicidade, me trazem muita energia boa (**Atena**)



## Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Aqui vemos novamente a felicidade compreendida de forma semelhante ao primeiro caso, aqui temos a participante (Atena) descrevendo a felicidade como fruto da conexão que emerge com os colegas de estágios, ou seja, a disposição do ser do ente (Atena) se traduz como felicidade ao encontrar seu lugar no mundo nessa relação com o outro, o termo “ser” aqui é utilizado para descrever a *pre-sença* na experiência (no sentido do devir), pois o ser não poder ser determinado material e isoladamente (pois o tempo não é estático e sim dinâmico, fluido), mas apenas compreendido no seu tempo, na sua temporalidade (“o seu “ser”, “sendo”) onde passado, presente e futuro se cruzam revelando o modo de ser da presença com este outro, o outro aqui entendido como o ser - para morte.

### **Categoria 2: Felicidade como um instante**

A concepção de felicidade expressa pelos participantes leva a perceber que a dimensão “ser feliz” está atrelada a instantes do cotidiano. Dessa forma, compreende-se sua efemeridade e conseqüentemente proporcional a dinamicidade da vida. Assim, os excertos de discursos nos trazem:

#### Experienciando a felicidade

[...] eu acho que a última vez que eu me senti assim feliz de verdade foi na segunda feira passada, eu olhei em volta, estava tomando café, quase nesse horário, e eu estava tomando café com o meu namorado, daí quando eu me dei conta e a sensação veio, sabe, tipo, eu olhei em volta e pensei, eu estou feliz agora, pra mim isso é felicidade. Eu não fico esperando ela (*sic*) chegar, as vezes ela vem e toma conta, é aquele breve momentinho sabe? E você sente, até que ele vai embora, quer dizer, ela não vai embora, é uma coisa plena, é uma coisa que continua com você, nesses momento você olha em volta e tá tudo conspirando pra você se sentir mais feliz. (**Hera**)

Aqui voltamos a Heidegger para entender o sentido da felicidade dado pela participante Hera como um fenômeno atrelado ao momento, nota-se a que a *pre-sença* (Hera) tem sua *disposição* afirmada ao estar com este outro, sua abertura a este outro corresponde ao seu modo de ser no mundo. A felicidade





## Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

assume uma representação passageira, mas entendida naquilo que Heidegger chama de mundanidade, que de acordo com o filósofo significa:

A estrutura de um momento constitutivo do ser-no-mundo. Este, nós o conhecemos como uma determinação existencial da *pre-sença* (HEIDEGGER, 2013, p. 105)

O que ele quer dizer com isso? Que a mundanidade é representada por tudo aquilo que nos é percebido ao nosso redor e que carrega consigo um certo “valor que é dado”, já constituído pelo ente, pois ao nomear a coisa a transformamos num ente, mas um ente (no sentido ôntico) que faz parte da *pre-sença*. A participante descreve a felicidade como algo que ocorre ao dar atenção a aspectos mundanos, como a hora, o dia ou o agora, tudo situado num tempo e espaço, nisso temos novamente a temporalização da *pre-sença* que tem o seu modo de ser numa fala do presente que resgata o passado para descrever o futuro, “é uma coisa plena, é uma coisa que continua com você, nesses momentos você olha em volta e tá tudo conspirando pra você se sentir mais feliz.”

Eis a vivência do tempo (CASTRO, 2009; 2017; FORGHIERI, 2011). O temporalizar, uma vez que a participante resgata, por assim dizer, suas lembranças, designando a magnitude do “momento feliz”.

### **Categoria 3: Felicidade...:** são buscas

A felicidade é um fenômeno que emerge na realização do desejo, mas um desejo que efêmero, pois ao saciá-lo a falta (do desejo) se fará presente novamente, e com ela surge a necessidade de sua busca, podendo esta busca ser a mesma de antes ou não.

#### Liberdade

Outras vezes ela também vem por eu comprar algo que quero, por eu, sei lá, fazer o que eu quero, mas no geral eu me sinto feliz, tá mais ligado mesmo a liberdade, a poder escolher, querer fazer uma coisa e poder ir lá fazer [...] -(Gaia)

#### Satisfação de Desejo



## Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

A felicidade pode estar ligada sim a aspectos materiais, assim, tipo, “ah eu quero um celular novo, nossa, vou ficar muito feliz com aquilo”, dai eu vou e compro, isso vai deixar muito feliz. -(**Gaia**)

Kierkegaard foi um filósofo que, assim como Heidegger, se debruçou sobre a questão da existência humana, trabalhou com temas existenciais tais como o desespero, a fé, o amor, a angústia, a ironia, entre outros. Muitos consideram Kierkegaard (ao lado de Nietzsche) como os precursores da filosofia existencial, para Kierkegaard a verdade está na subjetividade, e a existência verdadeira somente é alcançada pela intensidade do sentimento. A existência, segundo Kierkegaard corresponde à realidade singular, ao indivíduo, ela permanece de fora e não possui uma determinação conceitual, pois para o filósofo um homem singular não tem uma existência conceitual. Para Kierkegaard o homem é fruto de uma autorreflexão que ele representa como espírito ( pra ele o *espírito* é algo que surge na relação que o homem faz consigo mesmo, e dessa relação teríamos o “eu” (JANZEN & HOLANDA, 2012).

E o que este pensador pode contribuir para o entendimento da felicidade? Kierkegaard fez uma análise do ser humano, esmiuçando até o último sentimento, concretizando o que ele descobriu em três diferentes estágios, cada estágio por sua vez representa uma forma de funcionamento do homem, a saber: o estágio estético, o ético e o religioso (JANZEN & HOLANDA, 2012). Dos três estágios citados o primeiro é o que nos interessa pois é exatamente este estágio que se associa a alguns dos discursos dos participantes quando pergunto sobre o que seria a felicidade e a que ela estaria associada. Segundo Kierkegaard;

O estágio estético por sua vez compreende que; O prazer é o alvo da vida. Busca-se alegria momentânea, onde somente o “agora” importa. Nesse estágio não há um envolvimento profundo com relacionamentos, e vai-se contra obrigatoriedades, em constante mudança. Feijoo (2008) acrescenta ainda o descompromisso com o outro, onde o sujeito está sempre autocentrado, e se ilude acreditando que na existência há lugar somente



## Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

para o prazer, mas isso não é possível, visto que a angústia está presente em toda a humanidade (JANZEN & HOLANDA, 2012, p.592).

### **Categoria 4: Felicidade como bem estar pessoal**

Ser feliz é se perceber bem emocionalmente e fisicamente, é sentir-se pleno, equilibrado e ser capaz de ver a si mesmo como alguém feliz.

Sentir –se bem

Felicidade hoje, agora pra mim, é literalmente ter saúde, é estar bem, não precisa se nada esfuziante, não precisa ser nada [...] antes eu achava que tinha que ser algo assim, esfuziante, que a gente só alcança a felicidade quando está esfuziante, quando a gente alcança algo, como se fosse uma meta a ser atingida, e hoje eu não vejo a felicidade assim, eu acho que a felicidade, ela tá em você em você justamente encontrar essas [...] conseguir olhar todo o dia aquilo que te dá felicidade, as pequenas coisas, é bem clichê assim, mas é o que eu tenho tentado trazer pra mim como felicidade (**Pallas**)

eu acho que a felicidade é um estado de espírito, a felicidade pra mim às vezes vem com pequenas coisas como eu estar bem comigo mesma, eu me sentir auto confiante, eu me sentir bonita (**Gaia**)

A felicidade aqui pode ser compreendida como a maneira que o sujeito lida com o mundo ao seu redor, ou seja, se ser feliz é se sentir bem tanto física quanto emocionalmente – a *corporeidade* - , então felicidade tem a ver como percebemos o mundo que nos circunda assim como a nós mesmos e o sentido que conferimos a nós e aos elementos que nos circundam. Não se trata, portanto, de saber o que é a felicidade, mas sim como a experienciamos no mundo, no dia-a-dia. Pois como dirá Merleau-Ponty:

o conhecimento do mundo, dos objetos no mundo e das relações entre eles deve vir em últimas instâncias da experiência individual dos seres humanos (2011, p. 430).



## Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

E por individual, Merleau-Ponty se refere aos pontos de vistas que cada indivíduo tem sobre o mundo, ou seja, ser feliz como descrevem as participantes Gaia e Pallas é perceber o mundo a partir de uma perspectiva, e essa perspectiva é única para cada um. Para a participante Pallas ser feliz é ter saúde, enquanto para Gaia a felicidade está associada a ela se ver como bonita, por exemplo.

Como dirá Merleau-Ponty:

Algumas coisas estão mais próximas de nós do que outras, algumas são percebidas acima de outras, à sua direita ou esquerda, e todos esses aspectos do mundo enquanto experimentados dependem da relação entre nossa posição e do que vemos. É porque sempre percebemos as coisas como as vemos de certo ângulo e a certa distancia que os “fenômenos” – ou objetos quando os experimentamos diretamente, antes de começar a pensar neles – parecem indeterminados e ambíguos. (2011, p. 484)

### **Categoria 5: Felicidade como liberdade de poder**

Felicidade é entendida como a capacidade de exercer e de adquirir poder, seja ele sobre si mesmo ou sobre o ambiente.

#### Liberdade

Olha só, pra mim, a felicidade está muito atrelada a liberdade, liberdade de ação, de pensamento, e, essa liberdade, ela não pode também de certa forma [...] como que eu posso dizer, tem a questão da liberdade, de ação de pensamento, da vontade, isso pra mim tá muito atrelado a ideia de felicidade, só que a felicidade também é você conseguir ter essa liberdade, agir conforme o seu desejo e seus pensamentos, mas não se culpabilizar sobre isso (**Hades**).

#### Liberdade como fruto do poder

as coisas materiais, está sim relacionada a uma certa felicidade, eu a relaciono ao capitalismo a questão de você ter dinheiro, e dinheiro pra mim, por exemplo, é você poder ter essa liberdade, fazer que quisermos, no nosso mundo isso não é real, a gente tem certas



## Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

condições, e o dinheiro é uma dessas restrições  
(**Apolo**).

### Liberdade para ser dono de si mesmo

Entender e se apoderar das circunstâncias, não ser vítima, tanto compreender quanto, tipo [...] poder agir sem, sem [...] tu nunca ficaria chateado, entendeu? Porque tu é senhor das tuas emoções, tu decide quando vai ficar com raiva e tu decide quando não irá ficar com raiva e a felicidade não pode depender de ninguém ou de nenhuma coisa (**Poseidon**).

Percebe-se a felicidade sendo definida como a capacidade do sujeito de exercer e de adquirir poder, seja ele sobre si mesmo ou sobre o ambiente. E isso se mostra claramente na fala de Apolo quando ele define a felicidade quanto a poder “ter”, ao dinheiro. Já Hades atribui a felicidade como a liberdade para se expressar e quanto que Link confere a felicidade a uma capacidade para ser dono de si mesmo, de ser capaz de apoderar das circunstâncias. É, portanto, esse modo particular de se relacionar com o mundo ou com as coisas (de forma ativa) é que extrairemos o seu significado (neste caso, o da felicidade). Mas só o extraímos por conta do interesse que temos nessa relação sujeito-mundo (MERLEAU-PONTY, 2011).

### Considerações Finais

Os resultados obtidos das categorias de análise revelam que, a felicidade como um fenômeno subjetivo e parte da condição humana está associada a diversos fatores, tais como, liberdade, o sentir-se bem, o momento presente e o outro. Todas essas categorias dizem respeito ao sentido dado pelos participantes que baseiam seus discursos de acordo com suas vivências e perspectivas enquanto seres no mundo. Como bem aponta Merleau - Ponty sobre a percepção de mundo que todos nós temos acerca de algum objeto, percebemos o mundo a partir de um olhar diferente do outro, logo a felicidade além de ser um estado de bem-estar emocional como apontaram outros estudiosos ela também se traduz numa forma particular de conferir sentido ao mundo, ou então, como diz Heidegger, uma forma de ser no mundo.



## Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

A trajetória que permitiu construir este trabalho mostrou os diferentes olhares que cada participante teve acerca do tema, o prazer de poder fazer parte desta pesquisa nos faz perceber a complexidade do humano, mas ao mesmo tempo belo em sua singularidade e subjetividade, isto porque o olhar que damos ao mundo e a nós mesmos é sempre único e repleto de significados.

Além disso, a pesquisa permitiu ver na prática a beleza da fenomenologia, sua forma singular de traduzir o mundo, as percepções que o outro confere a si e ao outro -quando analisadas afincamente sob o olhar da fenomenologia - podem nos trazer um enriquecimento e uma compreensão inimagináveis sobre o outro, poder desfrutar deste tipo de saber e compartilhá-lo no meio científico é uma forma de mostrar a futuros profissionais, pesquisadores da psicologia o quanto que a fenomenologia pode contribuir com temas ainda inexplorados. Por fim, pensamos que, talvez a fenomenologia possa contribuir com um olhar diferenciado acerca da moral e da ética, um tema fascinante e que estando atrelado a raízes da filosofia, poderia, possivelmente receber um olhar interessante da fenomenologia.

### REFERÊNCIAS

ANGERAMI-CAMON, Augusto. **Psicoterapia existencial** - 4.ed. - São Paulo: Thompson Learnig Brasil, 2007.

ARAÚJO FERNANDES, Ludgleydson de. A psicologia positiva como fomentadora do bem-estar e da felicidade. **Psicologia em estado** Maringá.vol 18, n 4, p 753-755, out/dez, 2013.

ACSELRAD, Marcio. CRYSOLEIDE, Lopes. **O que faz você feliz? Reflexões sobre a psicologia na sociedade de consumo**, Santa Cruz do Sul,n.46,p. 233-248,jan/jun.2006.

BBC BRASIL. **O que realmente nos faz felizes? As lições de uma pesquisa de Havard que há quase oito décadas tenta responder a essa pergunta.** Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/curiosidades-38075589>. Acesso em 13 de junho de 2017.



**Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 - 1441 (Versão digital)

BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade de consumo**. – 2.ed. – Lisboa : Edições 70, 2009

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998

CASTRO, Ewerton Helder Bentes de **A experiência do diagnóstico: o significado no discurso de mães de crianças com câncer à luz da filosofia de Martin Heidegger** – Ribeirão Preto. Faculdade de filosofia, ciências e letras de Ribeirão Preto. USP. Tese (Doutorado). 2009, 182p.

CASTRO, Ewerton Helder Bentes de A filosofia de Martin Heidegger. In: CASTRO, Ewerton Helder Bentes de Castro (Org.) **Fenomenologia e Psicologia: a(s) teoria(s) e práticas de pesquisa**. – Curitiba: Appris, 2017, p. 17-26.

CLONINGER, Claude Robert. **Feeling good: the science of the well-being**. New York : Oxford University Press, 2004.

FERRAZ, Renata; TAVARES, Hermano & ZILBERMAN, Monica. Felicidade: uma Revisão. **Revista Psiquiatria Clínica**, São Paulo, v. 34, n.5, p.234-242, 2007.

FORGHIERI, Yolanda Cintrão. **Psicologia Fenomenológica: fundamentos, método e pesquisa** – São Paulo: Cengage Learning, 2011.

GUNTHER, Hartmut. **Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: Esta é a questão? Psicologia: teoria e prática**. Brasília. Vol 22.2, pp.201-2010.

GIORGI, Amedeo & SOUSA, Daniel. **Método Fenomenológico de investigação em psicologia**. Lisboa: FIM DE SÉCULO, 2010.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Tradução revisada e apresentação de Márcia Sá Cavalcante Schuback. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes: Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2013.

JANZEN, Marcos & HOLANDA, Adriano. Elementos para uma psicologia no pensamento de Soren Kierkegaard. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, vol.12. n.2, p. 572-596, 2012.

MAIA, Márcia de Lorena S. & CASTRO, Ewerton Helder B. de Eu e minha mãe, minha mãe e eu: entre dor, amor e busca de compreensão In: CASTRO, Ewerton Helder Bentes de (Org.) **Pluridimensionalidade em psicologia fenomenológica: o contexto amazônico em pesquisa e clínica**. – 1ª ed. – Curitiba : Appris, 2020, p. 17-26.



**Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

MISES, Ludwig. **As seis lições**. - 7.ed. - São Paulo: Mises Brasil, 1979.

PEREIRA, Denis Guimarães & CASTRO, Ewerton Helder Bentes de Psicologia fenomenológica: o método de pesquisa. In: CASTRO, Ewerton Helder Bentes de (Org) **Práticas de pesquisa em Psicologia fenomenológica** – 1.ed. – Curitiba : Appris, 2019, p. 15-32

PONDÉ, Luiz Felipe. **Filosofia para corajosos** -1.ed. -São Paulo: Planeta, 2016.

PONDÉ, Luiz Felipe. **A era do ressentimento: uma agenda para o contemporâneo**. São Paulo: Editora Leya, 2014.

PRESSMAN, Sarah D & COHEN, Sheldon. - Does positive affect influence health? **Psychol Bull** 131(6): 925-971, 2005. DOI: [10.1037/0278-6133.24.4.348](https://doi.org/10.1037/0278-6133.24.4.348)

SCORSOLINI-COMIN, Fabio. Por uma nova compreensão do conceito de Bem-estar: Martin Seligman e a psicologia positiva. **Paidéia**. Vol 22 No 53, p. 433-435, 2012.

SCORSOLINI-COMIN, Fabio & SANTOS, Manoel dos. O estudo científico da felicidade e a promoção da saúde: revisão integrativa da literatura. **Rev. Latino-americana de Enfermagem** 18 (3): [08 telas] Ribeirão preto, mai/jun., 2010.

SELIGMAN, Martin E. P. **A felicidade autêntica**. Tradução Neuza Capelo. São Paulo : Editora Objetiva, 2004

**Recebido: 20/4/2020.**

**Aceito: 20/6/2020.**

**Sobre autores e contato:**

**Lucas de Araújo Batista** - Psicólogo graduado pela Faculdade de Psicologia da Universidade Federal do Amazonas. E-mail: [lucas\\_araujo.batista@hotmail.com](mailto:lucas_araujo.batista@hotmail.com) ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2651-5323>

**Ewerton Helder Bentes de Castro** - Docente da graduação e Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Amazonas. E-mail: [ewertonhelder@gmail.com](mailto:ewertonhelder@gmail.com). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2227-5278>





**Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**  
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

